Recital
Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara/MG.

RESENHA CRÍTICA

HUGO, Olden. **Para Falar em Público: 20 fundamentos de oratória**. Montes Claros: Editora Millenium, 2021. 178p.

Alex Lara MARTINS
Instituto Federal do Norte de Minas Gerais – Campus Pirapora
alex.lara@ifnmg.edu.br

DOI: https://doi.org/10.46636/recital.v3i3.247

Há livros contemplativos que nos fazem perceber o melhor e o pior em nós. Outros são úteis e fornecem ferramentas aos leitores para aplacar os vícios e guarnecer as virtudes. **Para Falar em Público: 20 fundamentos de oratória**, de Olden Hugo, conjuga essas duas qualidades. Vale-se do fato de que a arte oratória floresce na antiguidade, quando se relacionava a educação à formação de um caráter. Gregos e romanos educados eram igualmente virtuosos. Educar significava encucar saberes e habituar pessoas a agirem com dignidade, conforme a excelência moral. A partir da modernidade, a consecução de virtudes deu lugar à realização dos interesses, mediados, em grande medida, pela lógica econômica dos fins e objetivos. Irônico julgar que a onda progressista das teorias educacionais do século XX — refiro-me ao movimento da Nova Escola, que consolidou a pedagogia de projetos — reflui hoje em sentido individualista, diríamos egoísta ou liberalista, de oferecer a cada educando as ferramentas necessárias para resolverem problemas, no mais das vezes, economicistas. Diz-se que a criança deve estar no centro do processo educacional, como o Sol da revolução copernicana, para adquirir as competências e habilidades para ser bem sucedida. Até mesmo a cooperação e o trabalho coletivo se tornaram meios para aferição de notas individuais. Basta mencionar que os currículos escolares hodiernos se dobram diante do empreendedorismo e endireitam-se junto à

estratégia competicional do ensino de técnicas de sobrevida para o mercado de trabalho. Vence-se na vida como se a vida fosse o jogo de um vencedor.

É verdade que o livro de Olden Hugo ensina algumas técnicas da oratória necessárias ao florescimento individual. Contudo, elas não servem ao enfoque racional e preditivo dos interesses, isto é, à moral utilitarista individual, uma vez que pressupõem a humanidade compartilhada entre o orador e sua plateia. E a humanidade, ensina-nos Kant, não pode ser tomada como meio, uma vez que os imperativos éticos decorrem do princípio da dignidade. Esse célebre filósofo realizou a revolução copernicana da filosofia, ao realocar o sujeito no centro do processo de conhecimento. Porém, o sujeito não é solitário nem centralizador, menos ainda utilitarista. Ele se constrói na medida em que compartilha estruturas cognitivas e humanas comuns e universais. Ninguém está a seu dispor, mas todos estão com ele. Aliás, Olden Hugo invoca por diversas vezes a regra de ouro da oratória: "considerar a humanidade de cada espectador que nos empresta seus ouvidos".

Se pudermos correr o olhar para uma concepção humanista da comunicação, a transmissão e a compreensão de mensagens, enxergaremos parte da genealogia de nossa espécie. Historiadores como Yuval Noah Harari, autor do *best seller* **Sapiens**, afirmam que a capacidade extraordinária de cooperar linguisticamente e se pôr em harmonia com o ambiente são marcas evolutivas que nos trouxeram até aqui. Como explicar, porém, a cultura da desinformação, os ruídos da comunicação e as desavenças públicas em torno das palavras ditas? A esperança de Olden Hugo, posta desde a seção de apresentação, consiste em admitir que as interações humanas pela fala, a argumentação e a persuasão, materializam a natureza sociável do ser humano, logo, estão dispostas a tornar-nos melhor caso as utilizemos na medida certa.

Por isso, os vinte fundamentos de oratória que compõem a primeira parte do livro nunca perdem de vista aquela regra de ouro. A maneira de preparar e organizar o discurso, a forma de se portar diante do auditório, as habilidades mnemônicas de se estudar uma temática, a divisão acertada de um discurso e, entre outros, os tempos entre o silêncio e a fala, entre o risco e a falha, são elencados de modo didático e simples. Considerar a humanidade dos ouvintes tem por base ser capaz de criar vínculos afetivos e epistêmicos, mesmo quando há discordâncias. **Para falar em público** poderia bem se chamar "Oratória da sedução" (título da décima nona seção), pois é disto que trata: as palavras são coisas postas em ação, que podem machucar, amenizar a dor ou divertir os ânimos. Antes de se dizer a palavra, é preciso ouvir o auditório e sentir a sua disposição. Haverá casos em que a predisposição à violência e o recurso à idiotia travarão o diálogo, ou melhor, a relação de afeto entre a dignidade das pessoas. Nesses casos, ensina-nos Olden na última seção da primeira parte, o melhor é não discutir com idiotas, ao que Mark Twain acrescentaria: "eles o rebaixam ao seu nível, em seguida o vencem por experiência".

A segunda parte do livro expõe estratégias argumentativas que asseguram a precisão e a força dos argumentos, bem como acrescenta instrumentos heurísticos que reconhecem falácias e argumentos mal formados, tais como o falso dilema, o argumento de autoridade e o ataque pessoal (*ad hominem*). Tudo bem exemplificado com textos de apoio e referencial teórico. Aliás, o recurso a bons exemplos fornece o compasso ao andamento de todo o livro. Convida-se Fernando Pessoa, Rubem Alves, Platão, Cícero, Moacyr Scliar, Ferreira Gullar e o próprio autor para mediar ilustrativamente passagens do texto.

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 3, n. 3, set./dez. 2021.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

A leitura nos ensina que argumentar pode ser perigoso − e as discussões em nossas redes sociais bem o demonstram. O risco tem a ver com a etimologia ambígua do termo "argumentar", tomado pelos latinos ora em sentido beligerante contra um adversário ou para dar apoio fático à própria posição, ora em sentido de busca por consensos coletivos. Melhor dito, argumenta-se (do latim *arguere*) para vencer um debate contra um interlocutor ou argumenta-se (*argumentum*) para convencê-lo de um ponto do debate.

A perspectiva teórica de Olden Hugo funda-se em certa tradição pragmatista de Wittgenstein a Perelman e Maingueneau. Essa tradição entende que a comunicação acontece dentro de "jogos" de linguagem com regras formais e informais. Conhecer as regras explícitas e agir dentro de seus limites é necessário, mas não suficiente para um bom jogo. Apesar de imaginarmos que uma plataforma comunicativa com regras justas envolve o uso honesto de argumentos, nem sempre (quase nunca) os jogos linguísticos podem ser idealizados. Saber identificar as falácias e os argumentos inválidos é uma competência defensiva excelente para evitar a manipulação. Porém, se o objetivo do jogo é vencer o debate e não estabelecer verdades ou consensos, então é legítimo o uso das próprias falácias e argumentos inválidos. Nesse caso, a regra de ouro que considera a humanidade dos interlocutores se torna apenas um ideal nem sempre praticado. O que a torna realizável são as regras informais dos jogos linguísticos, por exemplo, a tolerância mútua e o compromisso com o verdadeiro.

A primeira regra informal diz respeito à concordância com a discórdia, sintetizada na famosa frase atribuída (possivelmente pela biógrafa Evelyn Beatrice Hall) a Voltaire segundo a qual alguém pode discordar de tudo o que diz o interlocutor, mas defenderá até a morte o direito à livre expressão. Em vez de convencer e possivelmente destruir um ao outro, essa regra implica que o objetivo do jogo linguístico é conviver *apesar das* diferenças.

A segunda regra apela ao comedimento na utilização de recursos − legais e morais − que podem terminar com o próprio jogo. No futebol de rua é legítimo que o dono da bola carregue-a consigo ao perder uma partida. Da mesma forma, é legítimo excluir pessoas de nossas redes sociais por uma opinião que consideramos infundada. Não é o mesmo caso de excluir opiniões idiotas e intolerantes do debate. Os recursos linguísticos são renováveis, mas não ilimitados, e até mesmo os individualistas sabem que o uso indiscriminado deles leva à falência comunicacional.

As regras não escritas são cada vez mais necessárias. Elas compõem a nossa etiqueta − uma ética pequena −, isto é, um conjunto de prescrições sobre como nos comportar em determinado local e quais são as possibilidades da ação respeitosa. Num mundo em que existe a desigualdade de acesso à internet, deveríamos refletir e buscar estabelecer as regras de convivência e de uso de ferramentas digitais inclusivas. Nesse sentido, os leitores de **Para falar em público** podem se sentir carentes em relação ao tema da etiqueta na internet, cujas regras de convivência são descritas de maneira bastante sucinta na seção "Netiqueta".

A fluência da escrita impressiona, ainda que conhecêssemos o talento de Olden Hugo, professor de língua portuguesa e mestre em Estudos Linguísticos, autor do bom livro de contos **Vende-se amor** (Montes Claros, M.A.S. Moraes, 2016). Em **Para falar em público**, a arte oratória é tratada de maneira simples, mas não simplória. Essa é a grande vantagem do livro, que alcançará potencialmente uma amplitude de leitores, desde estudantes de Ensino Médio até profissionais

RECITAL - Revista de Educação, Ciência e Tecnologia de Almenara, v. 3, n. 3, set./dez. 2021.
ISSN: 2674-9270. Disponível em: http://recital.almenara.ifnmg.edu.br/index.php/recital

consagrados e palestrantes de primeira ordem. O livro traz ilustrações de Heitor Valentín, filho do autor. É uma leitura formativa, de pai para filho, necessária em tempos desumanizados.

Recebido em: *29 de setembro 2021*

Aceito em: *1º de dezembro 2021*